

QUAL O IMPACTO DA PRESENÇA DE EPILEPSIA NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL?

Mauren Janine Schlindwein Bodanese (*Universidade Federal do Paraná*), Danielle Bufara Rodrigues (*Universidade Federal do Paraná*), Eduardo Borges de Medeiros (*Universidade Federal do Paraná*), Isac Bruck (*Universidade Federal do Paraná*), Sérgio Antônio Antoniuk (*Universidade Federal do Paraná*), Lúcia Helena Coutinho dos Santos (*Universidade Federal do Paraná*)

Resumo

Introdução: A Paralisia Cerebral (PC) caracteriza-se pelo predomínio do comprometimento motor, podendo estar acompanhada de déficit cognitivo, epilepsia e outras comorbidades. Estudos demonstram que crianças com PC têm maior incidência de epilepsia e que esta interfere no desenvolvimento global e pode piorar o resultado da reabilitação. **Objetivos:** Avaliar se a presença de epilepsia interfere no desenvolvimento motor e cognitivo de pacientes com PC. **Casística e Método:** Estudo preliminar, retrospectivo, com revisão dos prontuários de pacientes portadores de PC acompanhados há pelo menos dois anos no Ambulatório de Espasticidade do CENEP, no período de 2001 a 2008. Foram excluídos aqueles que não possuíam o tempo mínimo de seguimento. **Resultados:** Até o momento, foram incluídos 59 pacientes, sendo a maioria do gênero masculino. A idade mínima foi de seis meses (m) e a máxima de 18 anos. A idade média na primeira avaliação foi de 71,6 m (DP±54,2) e na segunda de 129,6 m (DP±56,5). Houve predomínio da forma espástica, sendo a hemiplegia a distribuição topográfica mais freqüente. A epilepsia esteve presente em 38,9% (23/59), sendo controlada com uma medicação em 56,5% (13/23), com duas em 34,8% (8/23) e sem controle em 8,7% (2/23). Melhora no sistema de classificação da função motora grossa (SCFMG) foi observada em 69% (40/58). Destes, 17 apresentavam epilepsia e 23 não, sem haver diferença estatística entre os dois grupos (com e sem epilepsia); $p=0,8$. Melhora no sistema de classificação de habilidade manual (SCHM) foi observada em 73% (40/55). Destes, 18 tinham epilepsia e 22 não tinham. Não houve diferença estatística entre os dois grupos ($p=0,09$). Dos pacientes com epilepsia, 34,7% freqüentavam escola especial (EE), 17,4% classe especial (CE) e 8,7% tinham defasagem de até dois anos em escola regular (ERD). Dos pacientes sem epilepsia, 50% cursavam escola regular (ER), 16,7% em ER com defasagem de até dois anos, 19,4% em EE e 8,3% a CE. **Conclusões:** Nesta amostra, a epilepsia não interferiu no desenvolvimento motor de crianças com PC, porém o reduzido número de pacientes com epilepsia de difícil controle é um fator limitante. No quesito cognição, constatou-se que os pacientes com PC e epilepsia apresentam maior dificuldade escolar.

Mauren Janine Schlindwein Bodanese, maurenjsbodanese@hotmail.com